

# Mídia, infância e cotidiano: a resignificação de conteúdos eróticos e sexuais por crianças em contextos populares

Jacqueline Sobral\*

---

## Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os usos sociais e apropriações que crianças moradoras de uma comunidade na zona oeste de São Paulo fazem de conteúdos eróticos e sexuais veiculados na mídia, contestando uma perspectiva funcionalista de causa e efeito, que percebe a criança como um "ser passivo". Os depoimentos foram colhidos durante um estudo de recepção de orientação etnográfica, realizado com base em paradigmas que percebem a criança como sujeito, ainda que em formação, que não só é influenciada pelo mundo adulto, mas também dialoga, influencia, constrói significados próprios e produz sua própria cultura.

**Palavras-chave:** Estudos de recepção; infância; mídia; erotismo.

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre los usos sociales y los créditos que los niños que viven en una comunidad en el oeste de São Paulo son erótica y sexual contenidos emitidos en los medios de comunicación, disputando una perspectiva funcionalista de causa y efecto, que percibe al niño como un "ser pasivo ". Las entrevistas se llevaron a cabo durante un estudio de recepción orientación etnográfica realizada en base a los paradigmas que perciben al niño como un sujeto, aún en formación, que no sólo está influenciado por el mundo de los adultos, sino también el diálogo, la influencia, construye propios significados y produce su propia cultura.

**Palabras clave:** estudios de recepción; la infancia; medios de comunicación; erotismo

## Abstract

Based on paradigms that perceive the child as an active actor, despite still in developing state, but capable of dialoguing, influencing and being influenced by the adult world, and also capable of producing their own culture and constructing their own meanings, this article presents a discussion about the social uses and appropriations that this particular audience makes of media content and practices of everyday life to develop their emotional relationships and worldviews. It also looks at how these mediatized contents influence their perceptions of love, eroticism and sex.

**Key words:** audience study; infancy; media; eroticism.

---

\*Jornalista, Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo. [jacqueline.sobral@gmail.com](mailto:jacqueline.sobral@gmail.com)

## Introdução

O Ministério Público de São Paulo instaurou inquérito para investigar, em abril de 2015, o "forte conteúdo erótico e de apelos sexuais" em músicas e coreografias de crianças e adolescentes, tendo como um de seus alvos a menina *Mc Melody*, de oito anos. De acordo com a promotoria, existe um "impacto nocivo no desenvolvimento do público infantil e de adolescentes, tanto de quem se exhibe quanto daqueles que o acessam". Com roupas curtas e decotadas, a menina aparece em vídeos no *Youtube*, dançando em bailes *funks* e em vídeos caseiros, cantando letras como esta, intitulada *Fala de mim*:

(...) *Pra ser top das top*  
*Famosa cinderela*  
*A neguinha é estilosa*  
***Até nas roupas de baixo***  
*Para todas as recalcada*  
*Aqui vai minha resposta*  
*Se é bonito, ou se é feio*  
***Mas é foda ser gostosa.***  
(...)

O caso da menina virou polêmica nas redes sociais e na imprensa e o seu pai, conhecido como *MC Belinho*, foi alvo de muitas críticas, por ser o responsável pela produção dos vídeos da cantora mirim, que tiveram milhões de visualizações. O sucesso da *Mc Melody*, no entanto, envolve questões muito mais profundas do que apenas a história de um parente que está "explorando de forma inapropriada a imagem da própria filha".

Buckingham e Bragg (2004) afirmam que estamos presenciando uma crescente "sexualização" da mídia moderna e da cultura dominante, como um sintoma de transformações sociais mais amplas; e que essa visibilidade pública da sexualidade (e acrescento: de conteúdos eróticos) está enfraquecendo a separação entre crianças e adultos, a partir de uma concepção moderna do infante. Autores como Silverstone (2002) mostram que a mídia tem no erotismo uma de suas principais formas de mobilização das audiências, e o grande problema disso é que o mundo adulto é oferecido às crianças pelos meios de comunicação (em alguns casos, como o da *MC Melody*, produzidos pelas próprias crianças com apoio de seus familiares) sem que elas

estejam preparadas para isso, enquanto conteúdos inadequados para a sua idade estão invadindo as produções infantis, como já enfatizavam Elkind (1981), Postman (1999) e Meyrowitz (1985), quando a internet ainda não existia, ou ainda não fazia parte das práticas cotidianas como ocorre hoje nos grandes centros urbanos.

Os apelos de conotação erótica e sexual estão por toda parte e o sexo é transformado em mercadoria pela mídia, assim como o indivíduo (Castro e Setyon, 2013). Para Silverstone (2002), o erotismo é uma das principais formas midiáticas de mobilização das audiências.

Ao se colocar como "gostosa", a menina *MC Melody* está assumindo um discurso de mulher como objeto de desejo, imagem já bastante arraigada na sociedade contemporânea. Representações estereotipadas de mulheres "desejadas" e homens "desejantes", assim como estereótipos de libertação e independência do sexo feminino e da fragilidade masculina diante desse "novo cenário" ganham força nos meios de comunicação. Anúncios de produtos sejam eles roupas, cosméticos, ou automóveis, trazem a promessa, implícita ou não, de tornarem seus consumidores mais atraentes sexualmente, enquanto *Cinquenta Tons de Cinza*, uma trilogia inglesa de livros que envolve um jovem milionário, uma estudante virgem e cenas de sadomasoquismo já atingiu a marca dos 40 milhões de exemplares vendidos no mundo, e virou longa-metragem.

Nesse contexto de mercadorização do erótico e do sexual, é importante ressaltar a presença do funk na cultura brasileira. Amorim (2009) afirma que foram nos anos 1980 que o funk ganhou maior expressão no cenário musical, enquanto a figura do *MC* se consolidou uma década depois, quando suas músicas “desceram o morro” e passaram a fazer parte da programação das casas noturnas da zona sul do Rio de Janeiro e de muitas outras cidades do país, como São Paulo (2009: 35-36). Tomando como referencial teórico os estudos de Foucault sobre sexualidade, entre outros, a pesquisadora destaca que em seu espaço discursivo, a sexualidade e a sensualidade da mulher recebem um tratamento específico, a partir de letras que a chamam, por exemplo, de “popuzada”, “cachorra”, “glamourosa”, “potranca” e “vadia”, de roupas curtas e apertadas, e de coreografias sensuais que promovem a exposição do corpo. A *funkeira*, de acordo com a autora, aparece nas músicas e nos bailes como uma figura feminina ousada e sem pudor, em um jogo de representações que adquire, inclusive, características dicotômicas: ora ela assume o papel de mulher desejada, de objeto sexual

à espera de ser dominada, ora inverte a ordem patriarcal instituída pela sociedade e adota um personagem dominador, que só faz o que quer. Para ela, o funk é popular entre os jovens – e, acrescentamos, entre as crianças – por conta de suas letras e coreografias rejeitarem a interdição sobre sexualidade proposta e praticada em muitos espaços discursivamente instituídos.

O que queremos enfatizar aqui é não só as músicas de funk, mas também cenas de novela, anúncios de TV e vídeos disseminados na internet repletos de "cenas adultas" já fazem parte do cotidiano das crianças. Diante do cenário de uma mercadorização do sexo pela mídia, é genuína a preocupação com a exposição infantil a esses conteúdos, como ressalta Orofino:

(...) há uma necessidade cada vez maior de monitorar e observar a programação televisiva para a criança. Isto porque acreditamos que é preciso unir esforços para defender uma programação de qualidade para um público em formação e que visivelmente, na programação da atual grade no contexto da televisão brasileira a criança tem sido contemplada apenas de forma indireta, pelas vias de uma programação que de fato, não tem sido planejada para ela (2012: 13-14).

Foi a partir desse contexto que decidi realizar minha pesquisa de mestrado em 2013, um estudo de recepção, com inspiração etnográfica, realizado em uma ONG da zona oeste de São Paulo, com 21 crianças de sete a 11 anos, que moram em uma comunidade próxima da organização, durante seis meses. Mais do que estar preocupada com o acesso dos pequenos a conteúdos eróticos, minha grande questão era buscar compreender que usos e apropriações as crianças fazem dos mesmos, motivada principalmente pela escassez no Brasil de pesquisas na área de mídia e infância que fujam da análise funcionalista da lógica da produção, para *ouvir o que a criança tem a dizer*.

A presença constante do erotismo e do sensual na mídia é, com razão, um problema que pais, educadores e pesquisadores precisam continuar discutindo. O discurso linear muitas vezes assumido, porém, de "a mídia está destruindo a infância" parece simplesmente não dar conta da questão. Segundo Buckingham e Bragg (2004), alguns estudos sobre o tema pressupõem equivocadamente que a análise da produção midiática necessariamente informa como se dá a interpretação dos espectadores ou leitores; é partir da premissa de que as crianças *sempre* reconhecem os significados eróticos e sexuais e reagem a eles copiando o comportamento assistido. Minha pesquisa se propôs a buscar uma outra visão, indo ao encontro de teorias que enxergam a criança

como um *sujeito ativo, ainda que em formação*, capaz de ressignificar conteúdos. Este artigo é um convite à reflexão sobre o assunto, a partir de trechos da pesquisa realizada em 2013.

### **Metodologia e conceitos-chave**

Buckingham (2007) afirma que à criança sempre foi concedido um papel secundário. Embora seja considerada especial e se torne, em muitas ocasiões, o centro das atenções da família, o próprio significado da palavra "infância" já indica o espaço que a sociedade delimitou para aquele que ainda não atingiu a juventude: *infante* significa "aquele que não fala", como ressalta Àries (1981). Para Orofino (2012) "a exclusão de um lugar de fala para a criança já se coloca na relação de alteridade na própria linguagem, como signo de diferença", ressaltando que vivemos um "contexto de exclusão geracional" (2012: 3). A afirmação do sociólogo português Manuel Sarmiento (2004) nos indica, contudo, que de alguma forma os pequenos conseguem preservar o seu mundo à parte:

As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazendo-o com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é possível (Sarmiento, 2004: 2)

Na introdução do artigo "Theoretical framework for children's internet use" do livro *Children, risk and safety on the internet*, Livingstone, Haddon e Görzig (2012) concluem que não existe neutralidade nesse debate:

A infância é raramente vista de forma neutra. Apesar de bastante moldada pelo passado, a infância no início do século XXI é muito diferente daquela que os adultos de hoje se lembram. Olhar para o rosto de uma criança parece permitir um "olhar para o futuro". Não é de admirar, portanto, que as ideias sobre infância, incluindo aquelas expressas no contexto acadêmico, são emolduradas por esperanças e ansiedades, e pela tensão entre percepções de continuidade e mudança (2012:1, tradução nossa).

Tendo como pano de fundo essas reflexões sobre a infância, o estudo de recepção partiu de quatro principais conceitos e de uma base teórica multidisciplinar: *recepção ativa*, proveniente de autores dos estudos culturais britânicos como Raymond Williams (2010) e Stuart Hall (2003), que definem a cultura como práticas sociais e chamam a atenção para a necessidade de estudá-las como textos culturais que têm

significados permanentemente negociados, e da teoria latino-americana das mediações, principalmente com base nos trabalhos de Jesus Martín-Barbero (2001) e Guillermo Orozco Gómez (2005) que valorizam o indivíduo como sujeito do processo da comunicação afirmando que, com base em suas experiências cotidianas, o receptor produz significados, subsidiados pelas mediações; *mediação familiar*, que mostra a importância da *cotidianidade familiar*, ou seja, do espaço doméstico, para a produção de sentido social e o processo de recepção (Martín-Barbero, 2001), destacando também as profundas transformações pelas quais a família contemporânea vem passando (Giddens, 1994; Singly, 2007); e, por fim, *cultura de pares e reprodução interpretativa* – os dois desenvolvidos pelo sociólogo William Corsaro (2011), defensor de que as relações das crianças com outras crianças em grupos de amigos são fundamentais para a produção cultural do próprio mundo infantil, e de que elas não apenas imitam ou internalizam a sociedade e a cultura a que pertencem, mas também são contribuidoras ativas da produção cultural, se apropriando, re-produzindo e reinventando conteúdos, sempre buscando compreender ou construir um sentido para a realidade à sua volta.

Em virtude da necessidade de se estabelecer uma relação de confiança e reciprocidade com as crianças, a opção foi por um estudo de recepção de caráter etnográfico, realizado em encontros semanais ao longo de seis meses. O mesmo foi composto pelas técnicas de observação participante, com registro em diário de campo, e de conversas/entrevistas em profundidade individuais, em duplas e em trios. Ao todo, 21 crianças participaram do estudo, das quais 14 aceitaram conversar com a pesquisadora.

A leitura de mundo a partir do *ponto de vista da criança* é um dos maiores desafios que o investigador enfrenta em uma pesquisa dessa natureza (Rocha, 2008), bastante discutido no campo da antropologia, pois ele corre sempre o risco de reproduzir a autoridade do adulto, em um contexto em que as relações de poder sobre a infância já foram naturalizadas; ao mesmo tempo, a própria criança pode agir de acordo com o que ela acha que o pesquisador quer ouvir (Francischini; Campos, 2008):

No que diz respeito às relações envolvidas entre sujeito-pesquisador e sujeito-criança, ressalta-se a assimetria entre eles, notadamente do ponto de vista do poder que detém o primeiro num duplo movimento: do poder exercido pelo adulto nas relações sociais de modo geral, e no que remonta ao específico deste trabalho, do poder determinado pelo *status* de pesquisador. Assim, idade e competência configuram a dinâmica interativa da relação entre pesquisador e

criança. (...) Quando se trata de pesquisas cujas respostas requeridas implicam uma construção cognitiva, o poder se efetiva pelo pressuposto de que há domínio do conhecimento em questão por parte do pesquisador. Concomitantemente, do lugar da criança observa-se a condição de quem cria uma expectativa ante a possibilidade de ter seu desempenho avaliado em termos de certo ou errado (2008:105-106).

Por mais que tente, o pesquisador nunca vai conseguir deixar totalmente de fora do campo essa relação de alteridade criança-adulto. Seguimos, então, o caminho do estudo de recepção, cientes o tempo inteiro desse grande desafio.

### **Fragmentos de representações**

*Fabiana*, de oito anos, quer ser *funkeira* e treina todos os dias o que sonha ser seu futuro, com as irmãs mais velhas: as três vestem shorts e tops e vão para frente de casa dançar *funk*. Ela conta que foi a sua mãe que a apresentou ao estilo musical, quando ela tinha três anos de idade. *Você assiste à televisão?* "Sim, minhas novelas." No repertório da menina, aparece imediatamente a novela *Sangue Bom*, transmitida em 2013 pela Rede Globo, no horário das 19h, com classificação indicativa de dez anos, "*por causa que* tem uma mulher que dança funk, esqueci o nome dela... é a *popozuda*." Ela se refere à "Mulher Mangaba", a "cantora de funk mais popular do país" como se dizia na trama, personagem vivida pela atriz Ellen Roche. Na época, um videoclipe fictício da personagem foi divulgado no *Youtube*, pela emissora, cujo refrão da música era:

Agora, no embalo dos movimentos pélvicos  
Contraí, descontraí, contraí, ai, ai  
Contraí, descontraí, contraí  
Contraí, descontraí, contraí, oi, oi  
Contraí, descontraí, contraí  
(...)

Animada em falar sobre o seu dia a dia, *Fabiana* também diz, espontaneamente, que assistiu a uma notícia na TV que "*funk dá dinheiro*." Conta que sua mãe e irmãs namoram, ela também, mas só "pega na mão" do namorado. Entrelaçada à cintura, ela traz na sua bolsinha uma corda de pular, enquanto movimentava seu cabelo preso em duas tranças.

Johnny, de 10 anos, foi uma das crianças que mais me chamaram atenção durante a pesquisa por sua inteligência, pensamento rápido e uma aparente maturidade. Quase sempre de boné na cabeça, participava das atividades de uma maneira concentrada, mas sem deixar a bagunça de lado. O menino mora com seus dois irmãos mais novos, sua mãe e avó materna. Quando pergunto que três desejos pediria ao "gênio da lâmpada" (Girardello, 1998), Johnny responde rapidamente:

*Johnny:* Ser adulto...

*Eu:* Por que você quer ser adulto?

*Johnny:* Porque, tia, é muito chato todo mundo mandando na gente. Só deixo a minha mãe me bater e a minha avó, porque elas me educam, mais ninguém.

Mas tem um monte de gente mandando em mim.

O segundo desejo... Eu quero ser pai de família. Quero ter um filho só, gosto de nome em inglês, *Johnny*. Quero poder dar de tudo para o meu filho, principalmente educação.

Confesso que fiquei alguns segundos em silêncio processando o que aquele menino de dez anos estava me dizendo com tanta seriedade. Decido perguntar pelo pai, suspeitando que a resposta me levaria a compreender melhor seus dois "desejos" – minha intuição estava correta:

*Eu:* Você me falou que mora com sua mãe, avó e irmãos. E o seu pai?

*Johnny:* [*fala com uma certa dureza na fisionomia*] Ele se separou da minha mãe depois que eu nasci, depois voltou, depois separou, depois voltou e aí separou.

*Eu:* Entendi. E o que ele faz, ele trabalha com o quê?

*Johnny:* Ele era mecânico, agora não sei.

*Eu:* Você não encontra com ele?

*Johnny:* Não. Se mudou, casou com uma mulher rica e foi morar no Rio de Janeiro. Nunca mais vi.

Em outro momento da conversa, falamos sobre conteúdos impróprios e o menino parece saber distinguir bem o que é ou não produzido para a sua idade:

*Eu:* Você gosta de assistir à TV?

*Johnny:* Gosto. Não tenho paciência para ver os desenhos que minhas irmãs veem. É pra criancinha. Gosto de filmes de aventura, para até doze anos. Os de acima de doze anos já são chatos, não tem tanta cena legal.

*Eu:* E você acha que tem conteúdo impróprio para criança na TV?

*Johnny:* Tem sim, filme de violência e filme de adulto.

*Eu:* Humm... Você acha que a criança vai querer imitar a violência do filme, ou imitar o adulto em filme de adulto?

*Johnny:* Ah, vai depender da educação que ela recebe em casa.

É possível perceber, ao longo das narrativas, a influência direta ou indireta de seus respectivos cotidianos e contextos familiares em suas representações de amor, erotismo e sexo. *Marcelina*, de 10 anos, cujos pais tentam de alguma maneira "filtrar" os programas que ela pode ou não assistir, mantém uma postura tímida e resiste a falar a palavra "sexo" quando conversamos sobre o que é ou não é feito para crianças na televisão. Claro que o primeiro motivo para a timidez pode ser a própria presença da pesquisadora adulta até então "desconhecida" (já no final da pesquisa de campo, quando conversei comigo junto de outras duas amigas, ela já está mais falante e me conta sobre relacionamentos amorosos, não especificamente sobre "sexo"):

*Marcelina*: Eu gosto de um menino da escola...

*Eu*: Acho que você já me falou, qual é o nome dele?

*Valéria*: O Ítalo! [em um tom irônico, nitidamente para implicar com a amiga]

*Marcelina*: João Victor.

*Eu*: João Victor? Como é que ele é?

*Marcelina*: Ele usa óculos, ele tem uma franja igual da Amanda, ele é bonito, ele é alto, ele é mais velho que eu, ele é um ano mais velho que eu... Ele é *mó boniiito*, tia...

(...)

Em outro dia, converso com *Marcelina* e *Barbie*, também de 10 anos. As duas mostram saber bem a diferença entre os diferentes tipos de programas que passam na televisão e citam uma lista de desenhos do *Discovery Kids Brasil* e *Cartoon Network Brasil* como programação preferida. *Marcelina* mostra gostar de novelas mexicanas. Os temas "amor" e "sexo" surgem espontaneamente quando questiono qual é a diferença entre crianças e adultos. *Marcelina* responde tímida:

*Eu*: Mudando radicalmente de assunto, meninas. *Marcelina*, qual é a diferença entre adulto e criança?

*Marcelina*: As crianças vão pra a escola, os adultos vão trabalhar. E as crianças se divertem e os adultos não têm muito tempo pra se divertir, tem que trabalhar, tem que estudar...

*Eu*: O que o adulto faz que é legal e que a criança não pode fazer?

*Marcelina*: Eles podem trabalhar onde as crianças não podem, eles podem mexer onde as crianças não podem...

*Eu*: Tipo o quê? [a expressão no rosto de *Marcelina* mostra que ela já tem uma resposta, mas está hesitante em falar] Pode falar... Seu nome não vai aparecer, eu prometo...

*Marcelina*: Os adultos pode se casar, ter filho e a criança não pode.

*Barbie*, que mora com os avós maternos, o tio adolescente e a mãe, vai mais além:

*Barbie*: Os adultos e as crianças podem ter filho...

*Marcelina*: Nossa... [em tom de reprovação]

*Barbie*: É sim, eu vi no jornal uma menina, que é novinha, de 9 anos, e tinha um filho e um namorado.

*Eu*: Mas por que a menina de 9 anos tinha um filho e um namorado?

*Barbie*: Porque ela quis, quis fazer aquele negócio lá [ri e faz um gesto batendo as duas mãos, a de baixo com a palma para cima e a outra em posição perpendicular].

*Eu*: Que negócio?

*Barbie*: [risos] Aquele negócio lá... [repete o gesto]

*Eu*: O que é o negócio?

*Barbie*: [risos] Aquele negócio... [repete o gesto]

*Marcelina*: [risos] Ai, tia...

*Barbie*: [risos] É o que a sua mãe fez pra você nascer...

*Marcelina*: Ai, tia, é o que faz pra ter um filho...

*Barbie*: E também a criança pode brincar, o adulto não...

*Marcelina*: Os adulto pode sim brincar, o Rodolfo tentou brincar um dia na balanço e a balanço foi lá e caiu. [risos]

*Eu*: Ainda bem que eu sentei no balanço e não aconteceu nada.

*Barbie*: É que o Rodolfo é gordo.

Surpresa, pergunto "quem contou", de que forma elas descobriram como crianças "são feitas", o retorno é representativo dos contextos familiares distintos de ambas. *Barbie* afirma que foi a avó: "eu sei porque minha avó fala 'vai fazer um filho, sua mãe vai fazer um filho' [repete o mesmo gesto com as mãos de antes] (...) E ela diz que motel é pra fazer filho". Mais à frente, um comentário: "o ser humano é muito nojento, sai sangue para ter um bebê." Já *Marcelina* diz que aprendeu em um livro de desenhos dado por sua mãe, que aborda o tema.

Embora demonstrem ter informação sobre temas "impróprios", indiquem saber que o sexo é um ato que precede o nascimento de uma criança, e até sobre a linha tênue que separa a infância da maioridade, já que "criança também pode ter filho e trabalhar", questões que necessitam de uma maturidade com certeza maior do que a idade delas permite, as reações das duas meninas não demonstram nenhum tipo de "sexualização precoce"; aliás, o "nojo" expressado por *Barbie* traz indícios de um caminho inverso. Da mesma forma que *Fabiana* também não deu indícios de desenvolvimento de um interesse "sexual" propriamente dito, por mais que mantenha uma afinidade grande e um contato diário com as letras eróticas do *funk*. *Johnny*, por sua vez, vive na mesma

comunidade que essas outras crianças e, em momento algum, fez referências a músicas de *funk*, ou demonstrou interesse por temas impróprios para a idade dele.

Podemos compreender melhor esse aparente paradoxo, o fato de abordarem temas "adultos" com certa "naturalidade", mas mostrarem, ao mesmo tempo, uma timidez infantil ao falar de meninos e namoro, com base no conceito de *reprodução interpretativa* de William Corsaro (2011), um dos representantes da chamada *nova sociologia da infância*. Para ele, as crianças não se limitam a imitar ou a internalizar a sociedade e a cultura a que estão inseridas, mas também contribuem ativamente para a produção cultural, se apropriando, reinventando, reproduzindo conteúdos, no esforço de buscar um sentido para o mundo à sua volta, a partir das suas relações com outras crianças e com os adultos:

As crianças se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para produzir suas próprias culturas de pares. Tal apropriação é criativa no sentido de que estende ou desenvolve a cultura de pares; as crianças transformam as informações do mundo adulto a fim de responder às preocupações de seu mundo. Dessa forma, contribuem simultaneamente para a reprodução da cultura adulta. Assim, as culturas de pares infantis têm uma autonomia que as tornam dignas de documentação e de estudo por si. (Corsaro, 2011: 53).

A partir desse cenário apresentado, defendemos que é necessário problematizar a erotização e a sexualização da mídia contemporânea e os seus "efeitos" sobre a infância por intermédio de uma reflexão dialética. Esse é um fenômeno sintomático que deve ser analisado com base em contextos sociais distintos. Claro que precisamos, sim, defender a produção de conteúdos de qualidade para o público infantil. No entanto, precisamos, acima de tudo, aprofundar o debate e olhar para a criança também como um ser capaz de ressignificar, produzir e transformar conteúdos.

### Referências bibliográficas

- AMORIM, Márcia Fonseca (2009). *O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico: uma proposta de análise do universo sexual feminino*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp: Campinas. Disponível em: [http://clam.tempsite.ws/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1455\\_1708\\_funkemulheres.pdf](http://clam.tempsite.ws/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1455_1708_funkemulheres.pdf). (consultado em: 03/02/ 2014).
- ARIÈS, Philippe (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: FTC.

- BUCKINGHAM, David (2007). *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Edições Loyola.
- BUCKINGHAM, David; BRAGG, Sara (2004). *Young people, sex and the media: the facts of life?* London: Palgrave MacMillan.
- CORSARO, William A (2011). *Sociologia na infância*. Porto Alegre: Artmed.
- FERREIRA, Maria Manuela Martinho (2008). "Branco demais" ou... Reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa *com crianças*". In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes.
- GIDDENS, Anthony (1994). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. Unesp.
- HALL, Stuart (2003). "Codificação/Decodificação". In: HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (2001). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- OROZCO GOMÉZ, Guillermo (2005). "O telespectador frente à televisão. Uma exploração do processo de recepção televisiva". In: *Communicare*. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 27-42. Disponível em: <<http://teoriacom.files.wordpress.com/2008/08/04-guillermo-orozco.pdf>>. (consultado em 10/10/2013)
- ROCHA, Eloisa Acires Candal (2008). "Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar". In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa*. São Paulo: Cortez.
- SARMENTO, Manuel Jacinto (2008). "Sociologia da Infância: correntes e confluências". In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes.
- WILLIAMS, Raymond (2010). "Culture is ordinary". In: SZEMAN, Imre; KAPOSY, Timothy. *Cultural theory: an anthology*. Chichester: Wiley-Blackwell.